



FARJALLAT, Célia Siqueira. Tem gosto de mato e cheiro de chão. Correio Popular, Campinas, 16 out. 1986.

Tem gosto de mato e cheiro de chão

C. Siqueira Farjallat

“Coisas que Vi e Ouvi de Minha Capivari”, com prefácio de Sólon Borges dos Reis, e “Matutices”, prefaciado por F. Vidal Ramos são os dois esplêndidos livros, lançados agora por Jehovah do Amaral, um dos intelectuais mais autênticos que conhecemos. Homem fortemente ligado às suas raízes, tem carregado ao longo dos anos um amor puro e lírico pela terra natal, guardando num retalho da memória o cenário de seus verdes anos e da cidade natal. Ruas, becos, campinhos, onde batia bola em garoto; a praça da igreja; o rio, onde nadava e pescava lambari; a grande ponte de madeira em cujas guardas corria a equilibrar-se. E ainda: A cocheira do Leopoldino, as ruas de nomes tão sonoros e antigos — rua da Abelha, rua da Barra — o grupo escolar, o jardim público com seu esguicho e tanque com peixes coloridos, as farmácias (ainda escritas com ph); o mercado; as “vendas” ou pequenos armazéns; todo o cenário, enfim, de uma cidade pequena e pacata, evocada com saudade e ternura, povoada de gente amiga, de tipos humanos que o autor delineia em traços tão perfeitos, que é como se, também, os tivéssemos conhecido um dia.

Ele nos apresenta Mariquinha, a catequista; Lico, musicista; Simão, do passatempo, do sorvete e do pinhão (tudo vendido a tostão); Maria, da escolinha; o tabelião; Tonico Modesto; Nhá Andola; Juca Pinto, o retratista, e tantos mais, que se nos tornam familiares, e saem das páginas para nos contar “causos” de tempos idos e vividos. A obra é enriquecida de ilustrações a bico-de-pena de Júlio Campos, aliás, desenhos primorosos. Em resumo, o livro cumpre o desejo do autor, registrando no papel, quase em estilo cordel, “50 anos atrás, que a memória hoje me traz coisas que vi e ouvi na minha Capivari”.

O segundo livro, “Matutices” é uma vibração de brasilidade, na singeleza da fala cabocla, sendo homenagem de Jehovah ao espírito, vocabulário e pronúncia de raízes regionais, dessa laboriosa gente da lavoura da zona rural e interiorana. Em seus versos, há ao lado da ternura, aquele traço delicioso de humor do roceiro. Por exemplo, contando as agruras da condição de pai, sai-se com esta: “Por isso e por tudo o mais/ a vida, a luta, o sufoco ‘ponharam’ o dia dos pais/ no mês do cachorro ‘loco’”.

Em “Felicitações aos Noivos”, esta conclusão: “Deus mandô que se casasse o povo do mundo ‘intero’/ A ‘vocês’ que hoje casaram/ fica aqui meu conselheiro/ ‘muntaram’ num burro bravo/ agüentem o pulo sozinho”.

“Presença de Espírito” é uma sátira gostosa à sovinice. Trocada em miúdos é mais ou menos assim: “Nhá Zinha Barbosa, senhora muito estimada, conhecida pela boa prosa e tiradas de espírito, foi visitar uns parentes em Itu, naqueles tempos em que os amigos se visitavam, sendo comum passar semana e até mês. A viagem foi de trem, pela Sorocabana, chegando ela ao entardecer. Ao chegar abraços de boas-vindas, troca de novidades, animação até as tantas da noite, e nada para comer. Costumava-se antes de deitar para dormir, oferecer aos hóspedes uma bacia com água, para lavar os pés. Só então surgiu a oportunidade para a pobre viajadora já transpassada de fome, fazer seu tímido protesto: “Será, comadre, que não faz mal lavar os pés em jejum?”

“Matutices” é assim: humano, autêntico, divertido, retratando a terra e a gente. Cumpriu à risca o desejo do autor: “A este livro serei grato/ se ele tiver o condão/ de emitir gosto de mato/ transmitir cheiro de chão”. Seja grato a “Matutices”, bom Jehovah. Ele cumpriu seu desejo. Deu seu recado.